

Aliança Democrática dá maioria para governo

Controlado pela Arena entre 1966 e 80 e depois pelo PDS, o Congresso Nacional agora está sob o comando da Aliança Democrática que elegeu Tancredo Neves presidente da República. A união entre o PMDB e o Partido da Frente Liberal assegura desde já maioria ao futuro governo na Câmara e no Senado Federal e possibilitou a eleição de Ulysses Guimarães e José Fragelli para as presidências das duas casas, mas é insuficiente para aprovar, sem apoio do PDS, modificações na Constituição, o que exige 320 deputados e 47 senadores.

Os deputados e senadores são os mesmos de 84, mas o quadro partidário é novo. O PDS deixou de ser a maior bancada na Câmara dos Deputados, vindo sair de suas fileiras quase uma centena de representantes que foram abrigar-se no recém-criado Partido da Frente Liberal, que surge como terceira força política individual na Câmara e no Senado.

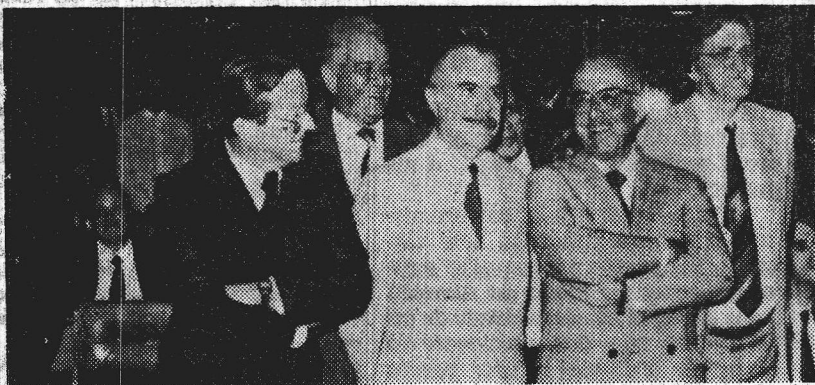
Com 201 deputados, o PMDB é a maior bancada na Câmara, seguido do PDS com 154, do PFL com 82, do PDT com 23 e do PTB, que agora soma 11 deputados. O PT ficou reduzido a cinco representantes, diante do desligamento de Airton Soares, José Eudes e Bete Mendes. Juntos, o PMDB e o PFL somam 283 cadeiras, que asseguram folgada maioria ao governo de Tancredo Neves nessa Casa de 479 votos.

No Senado, o PDS continua sendo a maior bancada, com 29 cadeiras. O PMDB tem a segunda representação, com 25. O PFL tem 13 senadores e o PDT e o PTB têm um cada. Mas o plenário de 69 cadeiras agora está também sob o comando da Aliança Democrática, que soma 38 representantes.

Mas esse quadro partidário é considerado instável e provisório pelos deputados, que identificam crises latentes ou explosivas em quase todas as legendas. O PMDB, que tende a se solidificar sob a proteção do novo governo, continua sendo uma frente heterogênea de várias tendências políticas, cuja divisão ficou patente na eleição de Ulysses Guimarães para a presidência da Câmara. O PDT também está fracionado havendo dois entre os 23 deputados que, por motivos diferentes, estão rompidos com o governador Leonel Brizola. No PT, a crise está praticamente contornada, mas custou a perda de três dos seus oito deputados federais. O PTB também se divide, entre os que apóiam a permanência de Paiva Muniz na presidência do partido e os que defendem a eleição do senador Nelson Carneiro para o cargo.

Mas o partido mais exposto a mudanças nos primeiros meses do governo de Tancredo Neves é o PDS, que pode ter sua bancada ainda mas reduzida, tornando-se uma legenda malufista por excelência. O partido ainda abriga políticos que divergem entre si: Paulo Maluf detém o controle sobre a maioria de seus integrantes, mas o ex-governador e futuro ministro Antônio Carlos Magalhães, na Bahia, o ex-líder Nelson Marchezan e o governador Jair Soares, no Rio Grande do Sul, o senador Amaral Peixoto, no Rio de Janeiro, entre outros líderes regionais, ainda têm influência sobre uma parte das bancadas na Câmara e no Senado Federal. Essas divergências devem aprofundar-se no decorrer do ano, quando forem renovadas as direções regionais e o comando nacional do partido.

Sérgio Chacon



Arquivo

Liberais vão ser o equilíbrio do Congresso